

AUTODIDAXIA: AUTOCONHECIMENTO E CONHECIMENTO.

Ricardo Araújo da Silva¹

A proposta levada a termo no presente trabalho é a de mostrar que os autodidatas são seres humanos como quaisquer outros, diferindo apenas no que respeita ao processo de aprendizagem não-guiado, centrando nossa atenção nas realidades de Aracaju e de Maceió, adentrando na atmosfera psicológica dos autodidatas. Em meio ao objetivo principal, procuramos nos situar metodologicamente num trabalho de análise crítica dos dados estatísticos colhidos em diversas classes estudantis e nas capitais citadas, apoiando-nos em textos com base nas Psicologias e nas Ciências da Educação. À guisa de ser considerada uma pesquisa sem muitos precedentes, notadamente pela dificuldade de apoio teórico, a análise deste trabalho serve de futura fonte de pesquisa para trabalhos posteriores.

Palavras-chave: Autodidaxia, Aracaju, Maceió.

ABSTRACT

SELF-IMPROVEMENT: KNOWING YOURSELF AND KNOWLEDGE

The intention of this work is to show that self-improvement persons are human beings like the others, they are different just in self-improvement knowledge process, keeping our attention in the realities of Aracaju and Maceió, going inside the self-improvement's psychological atmosphere. Among the main objective, we tried to localize ourselves methodologically in a critical analysis work of the statistical data that has been taken in various student classes and in the cited main cities, maintaining our theme in texts based in Psychology and Education Sciences. It is considered a research without so many fonts, and the analyses of this work will be able to be a start point to future researches about the same subject.

Key words: Self-improvement, Aracaju, Maceió.

1 Introdução

Toda pesquisa é empreendida a partir de uma questão ou de uma hipótese inicial tida pelo pesquisador. No caso deste trabalho, o fato da fonte de conhecimento sobre o objeto de estudo ser quase inexistente surgiu como um novo motivador por se tratar do desafio de um assunto importante, entretanto ainda não tão explorado.

Tomando como pressuposto a necessidade de informação acerca do autodidatismo, partimos em busca de observar as características, os fatores motivacionais, o perfil dos praticantes, seus modelos de aprendizagem, as ferramentas, meios, eficiência e resultado obtidos deste processo como um todo.

¹ Técnico em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Sergipe – Campus São Cristóvão, desde 2010. E-mail: rasilva1@hotmail.com.

Para criar colocações sobre o autodidatismo ou autodidaxia, observamos alunos independentes, que prescindem a presença de um professor, e ainda assim atendem aos preceitos do ensino voltado para a construção do saber, do saber-fazer e do “saber ser”. Considerando assim autodidatas como praticantes da autoaprendizagem autônoma, cuja forma não ordenada e assistemática é exatamente semelhante à forma como o autodidata atua ao procurar, selecionar materiais, estudar e pesquisar, sem apoio externo, ou seja, por conta própria.

Dessa forma autodidatas e autoaprendizes são abordados como um neste trabalho em que tentamos identificar suas características e os motivos que os tornaram autodidatas, apontar as dificuldades e ainda criar um possível meio de dar suporte àqueles que tentam ascender, pesquisar ou apenas conhecer sobre algo dispensando um guia.

2 Autodidaxia

Se a virada na vida a partir dos anos 50 costuma ser percebida pela acumulação de algum conhecimento, esse conhecimento, por sua vez, resultou de atitudes que não mais integravam o processo ensino-aprendizagem da Pedagogia Tecnicista. Dessa forma, surgiu, com mais frequência, a *autodidaxia* (também conhecida como *autodidatismo*) que, segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio Buarque de Holanda (1991, p. 162), significa “(De *aut(o)* + *gr. Didaxis*, ‘ensino’, + *ia*) S. f. Ação de instruir-se sem professores; autodidatismo”.

É óbvio pensar, assim, que a autodidaxia, por se tratar de um elemento abstrato, necessita de um suporte concreto para que possa se constituir enquanto processo aplicável aos seres vivos e/ou personificados. Esse suporte pode ser apreendido através da própria estrutura gramatical normativa e o seu estudo dos adjetivos. Segundo Ernani Terra (1996, p. 88), adjetivo é “a palavra variável em gênero, número e grau que caracteriza o substantivo, indicando-lhe qualidade, estado, modo de ser ou aspecto”. Logo, o processo da autodidaxia necessita de um ser que tenha tal caracterização.

O signo que satisfaz a qualidade de adjetivo do ser vivo e/ou personificado é *autodidata*, que está assim significado no Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio Buarque de Holanda (1991, p. 162): “**Autodidata**: (Do *gr. autodidaktos*) Adj. 2 g. e s. 2 g. Que ou quem se instruiu ou se instrui por si, sem auxílio de professores”. No Oxford Dictionary of

American English (2004, p. 611), o termo autodidata é assim definido: “**Self-improvement:** (noun) [U] the activity of trying to improve your knowledge, social position or character by your own efforts”.

Muitos alunos adeptos de cursos à distância, vinculadas ou não a uma Instituição de Ensino Superior, a cursos apostilados, a telecursos, a reciclagens profissionais, por exemplo, não se reconhecem autodidatas, entretanto praticam claramente a autodidaxia a partir do instante em que são tomados pela vontade de conhecer. O autodidata é, desta forma, um curioso. Ele frequenta bibliotecas de forma sistemática, sempre se perguntando o porquê das coisas e tentando descobrir as respostas por conta própria. O ponto de partida são as enciclopédias e os dicionários, que afirmam os conceitos e permitem a formação de um alicerce cognitivo necessário para especificar ainda mais o aprendizado. Essa especificação acontece com o levantamento bibliográfico e a pesquisa feita em livros, jornais, arquivos e publicações específicas, além de troca de correspondências e de opiniões.

Para pessoas com este perfil, o livro é a fonte preferencial de novos conhecimentos. Mesmo a Internet, que abriu um vasto campo de pesquisa on-line, não reduziu o interesse pelo livro, típico dos autodidatas. Eles sabem que o livro é soberano, mas não é a sua única fonte de informação. Outra característica inerente aos praticantes da autodidaxia é que o meio, por vezes, é mais importante que o fim. Para o autodidata, o processo da busca de informação é mais gratificante do que a obtenção do dado procurado. A exigência de diplomas faz com que o autodidata, hoje, canalize seu interesse para um hobby, ao contrário dos antigos, que desenvolviam os seus conhecimentos sozinhos e não precisavam de um diploma para filosofar ou para criar suas teorias. O hobby traz a vantagem de ser uma pesquisa descompromissada, em que o ritmo de estudo e a sua profundidade é dada pela disponibilidade de tempo e de cognição da própria pessoa, não sendo necessária a apreensão total dos conteúdos pesquisados.

Contudo, vale ressaltar que outros autodidatas começam a estudar pela necessidade de complementar a sua formação acadêmica fora da sala de aula. Fora da academia, criam seus próprios métodos de estudo, já que ser metódico é um traço da personalidade dos autodidatas, e não abandonam mais a busca pelo autoconhecimento. Chegam mesmo a se tornar generalistas (pessoas que sabem um pouco sobre tudo).

3 Universos fisiológicos, psicológicos e psicanalíticos dos autodidatas.

É notável e perfeitamente crível que os autodidatas, assim como todos os seres humanos em especial, possuem fatores físicos, químicos, psicológicos e culturais que influenciam na aquisição do conhecimento. Contudo, existem características que se sobressaem nos autodidatas, especialmente as psicológicas e psicanalíticas.

O estudo do corpo e da mente dos autodidatas dar-se-á em dois níveis: o primeiro chamado de *visão geral*, para aqueles que são permanentes ou esporádicos e, o segundo, chamado de *visão menos geral ou específica* (autodidatas permanentes). Também se deve salientar que a aprendizagem pode não ocorrer de maneira esperada ou ideal, assim como ocorre em sala de aula. O que difere o autodidatismo do didatismo sistematizado nas instituições de ensino é, “apenas”, a ausência do professor (facilitador ou orientador) no primeiro processo, e a presença do mesmo no segundo processo.

3.1 Visão geral dos autodidatas (permanentes e esporádicos)

Aqui, são reconhecidos, enquanto autodidatas, todos os indivíduos que adquirem conhecimento sem a ajuda do professor (também chamado de orientador e de facilitador, de acordo com a prática pedagógica adotada), de maneira esporádica ou permanente, apreendendo entre 0% e 100% dos dados decodificados. Tomemos, como primeiro exemplo, a famosa “caixa de condicionamento de Skinner”. Nela, apreendemos sobre a relação estímulo-resposta. Nessa caixa, um camundongo, toda vez que necessitava de gotas de água, teria que acionar um pequeno dispositivo ao tocar num botão, liberando a água. O estímulo seria a sede, a resposta seria a água e o meio utilizado seria o botão. Esse mesmo mecanismo pode ser reconhecido na relação do homem com o conhecimento autodidata.

Ao procurar por determinado assunto que o estimule (o indivíduo) a buscar determinado dado, ele necessita de um meio (a pesquisa dos dados, tomando-se o processo ensino-aprendizagem não guiado), para adquirir a recompensa, que seria a obtenção do saber necessário para satisfazer sua pulsão, que se manifesta, em seu ápice, através de gestos, ações e prazeres. Muitos autodidatas procuram a aprendizagem não guiada para satisfazer determinadas curiosidades, como, por exemplo, traduzir uma música, ou conhecer outras culturas, no caso específico das LE (línguas estrangeiras) e das variantes dialetais. Tal

satisfação só é alcançada com o chamado “sistema de recompensa”, no qual uma substância é liberada pelo hipotálamo (dopamina ou serotonina) e “mata” a curiosidade quando o indivíduo acha determinado dado anteriormente visado. A pulsão falada anteriormente manifesta-se através do corpo, causando a satisfação (em 100% dos atos pretendidos) pela liberação químico-biológica das substâncias supracitadas. Contudo, a satisfação dependerá do nível de serotonina, ou de dopamina, que o organismo do indivíduo necessitar. Perfeccionistas, assim, necessitam de um nível maior de tais substâncias para ativar o “sistema de recompensa”.

Com essa ponte interdisciplinar aqui explicitada, torna-se mais forte a teoria psicanalítica de Sigmund Freud, no qual coexistem três instâncias mentais que giram em torno de um desejo sexual (a libido): *Id*, *Ego* e *Superego*, também chamados de *Inconsciente*, *Subconsciente* e *Consciente*. O primeiro corresponde às vontades e instintos humanos; o segundo é o mesmo que caráter, comportamento social, sendo o duelo entre razão e emoção; e o terceiro é o conjunto de leis tácitas sociais, típicas de um aprendizado histórico-cultural (já adentrando à teoria sociointeracional de Vygotsky, que será retomada adiante). É altamente relevante associar, desta forma, o *Id* à vontade, à curiosidade, à libido, ao estímulo e, até mesmo, numa análise Behaviorista, a uma necessidade meramente fisiológica, mostrando que quatro correntes psicológicas provam a existência do autodidatismo em sua raiz (Freud, Vygotsky, behaviorismo, teoria de Skinner), com a biologia e a química.

Num estágio posterior, é crível abordar o *Superego*, que determina os meios positivistas (reais visíveis) e métodos que serão necessários para o levantamento dos dados, ou seja, para prover os meios necessários (*Superego*, de Freud, meio de obtenção descrito por Skinner, meio chamado de “zona de desenvolvimento proximal” de Vygotsky). Novamente os autodidatas comportam-se de acordo com as correntes psicológicas e psicanalíticas mais conhecidas, provando que qualquer ser humano pode ser um autodidata, sem ser, entretanto, considerado anormal. Num último estágio, deve-se abordar a questão do *Ego*, ou seja, do comportamento gerado pelo conflito permanente entre razão (lógica), emoção (animismo ou teoria espiritual-energética das coisas) e religião (mito). Esse estágio nunca termina de ser formado, por depender, também, de dois outros estágios mentais em formação e desconstrução permanentes.

Voltando à “zona de desenvolvimento proximal”, de Vygotsky, o ser humano é visto como um conjunto *estrutura cerebral + representação da natureza através de conceitos*

agrupados, que se torna coesa através da linguagem decodificada (o meio necessário para as interações homem-natureza e homem-homem). Ou seja, pela necessidade de um mundo globalizado e da aquisição de conhecimentos, há também a precisão de fortalecer o meio entre cérebro e conceitos agrupados para trazer à tona mais uma teoria positivista: o darwinismo! Através da “teoria da seleção natural”, o ser humano mais fraco tende a desaparecer por causa dos predadores capitalistas, que renegam e condenam à morte intelectual àqueles que não adquiriram conhecimentos suficientes para sobreviver na “selva do capital”. E, novamente, os autodidatas se sobressaem, pois não pretendem ser a “presa do leão” no qual se tornou o mercado de trabalho.

3.2 Visão específica dos autodidatas

Já nesta parte, são reconhecidos, enquanto autodidatas, todos os indivíduos que adquirem conhecimento sem a ajuda do professor (orientador ou facilitador), de permanente ao longo de sua vida, independentemente do total apreendido.

Existe o conceito de inteligência, que é, segundo Howard Gardner (1995, p. 21) “capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural”. Há uma visão pluralista da mente, reconhecendo muitas facetas diferentes e separadas da cognição, reconhecendo que as pessoas têm forças cognitivas diferenciadas e estilos cognitivos contrastantes. Não operam, entretanto, isoladamente. Apenas umas são mais desenvolvidas que outras. Há, então, essas facetas, chamadas de inteligências múltiplas, que são sete: Musical, Corporal-Cinestésica, Lógico-Matemática, Linguística, Espacial, Interpessoal e Intrapessoal.

Nos autodidatas, a última inteligência listada é necessária, já que o indivíduo precisa possuir um controle de si mesmo além do normal, para poder aplicar o método mais conveniente para si próprio. As demais inteligências podem agregar-se e esta e/ou servir de estímulo para a pesquisa não guiada do conhecimento. É evidente que estamos enfocando indivíduos com maturidade cognitiva e certa definição das inteligências primárias que possui. Objetar-se-á, entretanto, que para alcançar a maturidade cognitiva e, conseqüentemente, o autodidatismo, o sujeito já deverá ter passado da puberdade, que seria a idade limite para um aprendizado mais rápido de dados. Contudo, adultos possuem uma concentração maior. Cabe

ao autoeducador aplicar as práticas metodológico-pedagógicas mais eficazes para a sua cognição, apoiando-se em sua experiência de vida e em suas inteligências mais desenvolvidas.

4 Questões norteadoras da pesquisa.

A pesquisa executada teve o propósito de comprovar o autodidatismo em diversas áreas do conhecimento. Para atingir determinado fim, foi necessária a inferência a respeito do autorreconhecimento do seu papel enquanto autodidata, explicitando, também, os motivos para tal reconhecimento.

Outro fator relevante a ser observado são os meios utilizados para atingir o fim específico de se estudar sem a presença de um orientador, tanto teórico-metodológicos quanto físicos, dando uma noção a respeito dos recursos que os indivíduos possuem a seu alcance. Esses recursos necessitam ser descritos para que haja uma inter-relação entre a teoria estudada e o processo da autoaprendizagem.

Relevante, pois, é a observação dos fatos (ou fatores) que levaram os indivíduos observados a adentrarem no universo autodidata, sendo reconhecidos como “estímulos” ao processo de autoaprendizagem descrito no corpo deste trabalho. Tais fatores corroboram com a teoria das múltiplas inteligências, permitindo-nos inferir acerca do tipo provável de inteligência mais desenvolvida no indivíduo.

Outro fator a se notar é, pois, se a teoria sociointeracional de Vygotsky está sendo amplamente satisfeita, de acordo com a inserção (ou não) do indivíduo no meio social, já que o mesmo não frequenta as salas de aula, estando estes minimamente prejudicados, no que tange à socialização de um dos tipos básicos de educação: a institucionalizada e sistematizada.

As vantagens e desvantagens desse processo de aprendizagem também são abordadas e inferidas, com o propósito de nortear e de tentar facilitar o desenvolvimento de pesquisas posteriores, além de praticar, tanto no discurso deste artigo, quanto na teoria que preconiza, a interdisciplinaridade e o questionamento constante do conhecimento e do próprio método de questionamento do conhecimento em si.

5 Metodologia

Para coletar os dados necessários, foi feita pesquisa descritiva, explicativa, quantitativa e qualitativa, de bases bibliográfica, documental e estatística, com questionário aplicado 8 (oito) pessoas, sendo 4 (quatro) do sexo masculino e 4 (quatro) do sexo feminino. Tal questionário foi aplicado entre os dias 23/08/2006 e 02/09/2006, nas capitais dos Estados de Alagoas e de Sergipe.

Utilizamos fontes primárias: textos apreciados “na íntegra” e recursos humanos profissionais e sociais, tais como professores e universitários que aplicam seus conhecimentos adquiridos autodidaticamente nas suas respectivas profissões.

Numa prática interdisciplinar, valemo-nos de ramos epistemológicos: Sociolinguística Interacional, Psicologia da Aprendizagem, Psicologia do Desenvolvimento, Psicolinguística, Sociologia, Geografia Geopolítica, Biologia, Fisiologia, Química, Língua Inglesa, Língua Portuguesa, Estatística, História e Didática. Observamos, assim, que a prática interdisciplinar ampliar os saberes e sacia nossos objetivos.

Utilizamos os métodos científicos Hipotético-dedutivo, Comparativo, Histórico e Estatístico, valendo-nos de todos os aparatos e regras necessárias para a elaboração do corpo deste trabalho. Tais métodos foram aplicados em vários momentos da pesquisa e da elaboração textual, culminando num trabalho coeso e concreto.

Análise e interpretação dos dados, com base nas correntes teórico-metodológicas abordadas e tendo como objeto de estudos o material colhido durante as entrevistas. Não nos responsabilizamos, todavia, por eventuais inconsistências dos dados obtidos nas entrevistas, no que diz respeito ao fornecimento de tais informações por terceiros.

Utilização de recursos humanos, tais como nós pesquisadores, funcionários das instituições federais supracitadas, público entrevistado e outros que porventura não tenham sido citados. Além do mais, lembremo-nos do uso de materiais de apoio, computadores, celulares, aparelhos eletrônicos e manuais.

6 Análise dos Dados

A partir dos dados coletados entre os dias 23/08/2006 e 02/09/2006 tentamos traçar um perfil dos entrevistados, identificando suas características principais, as razões que os tornaram autodidatas, suas vantagens e desvantagens além de tentar prover um possível suporte teórico.

De um modo geral, todos os entrevistados demonstraram estar interessados pelo assunto que escolheram para se dedicar, tendo como principais características a curiosidade, a independência, a autodisciplina, o conhecimento de si mesmo e o conceito de que o professor é, para eles, um mediador do conhecimento.

Levando em consideração um aspecto de pré-entrevista, selecionamos pessoas de diversos cursos dos Estados de Alagoas e Sergipe que apresentavam características inerentes aos autodidatas. Curiosamente, todos os entrevistados responderam admitindo-se autodidatas ao buscarem seus conhecimentos específicos, sem a presença de um mediador.

No que diz respeito a razões que os levaram a tornarem-se autodidatas, a presença do professor em sua posição de imposição, cobrador e limitador do conhecimento é uma razão comum a todos entrevistados, levando-se em consideração sua análise psicológica. Há, assim, a necessidade de quebra do *status quo* do sistema de educação das instituições de ensino para atingir uma realização pessoal, uma necessidade de conhecer ou adquirir determinados valores, científicos ou não, que os levem a solução da situação-problema. Tal solução implica numa necessidade de maturidade cognitivoprofissional, trazendo a ideia de ascensão, seja ela social ou acadêmica, interna ou externa do indivíduo.

Para aqueles que detêm a maturidade para exercer o autodidatismo, apresentam-se como vantagens deste processo: a autodisciplina, a liberdade psicológica, a flexibilidade, a ordenação de assuntos conforme sua necessidade e o prazer de estudar não apenas para uma avaliação. Contudo, são relacionadas como desvantagens pelos entrevistados: o distanciamento do objeto de estudo, a manutenção da disciplina, a falta de debates, a não possibilidade de tirar dúvidas e a não emissão de certificação.

Em síntese, fica claro que seja através de Internet, música, vídeo, revistas e outros meios lúdicos, os alunos interessam-se em criar meios alternativos e assistemáticos para atingir a apreensão do conteúdo desejado. Em intensidades diferentes, notam-se argumentos que conquistam a cada dia mais adeptos da autodidaxia, seja por necessidade do mercado de trabalho ou pelo simples prazer de aprender.

7 Considerações finais

De acordo com as informações por nós colhidas e inferidas, observamos que os autodidatas compõem um grupo de aprendizes com características próprias e marcantes que são embasadas nas teorias fisiológicas e psicopsicanalíticas, com notada atenção a satisfação de uma necessidade imediata utilizando-se das principais características do auto aprendiz: a independência, a autodisciplina e a vontade. Apesar do indício do auto aprendiz ser alguém privilegiado pela simples facilidade em apreender conhecimento, é relevante pontuar que o autodidata é um aprendiz que apenas “esqueceu” do professor e “trilhou” seu próprio caminho em busca do conhecimento.

8 Referências

DIMATTEO, Cristopher. **Speaking by Age**. Speak up Magazine. August, 2003. number 195;

CAMPOS, DMS. **Psicologia da Aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1998;

SAVIANI, Derneval. **Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras Aproximações**. 7ª Edição. Campinas: autores associados, 2000;

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. Coleção Primeiros Passos São Paulo: Brasiliense, 2001;

LOMÔNACO, José Fernando Bittencourt, WITTER, Geraldina Porto. **Psicologia da Aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1984;

BIAGGIO, Ângela M. Brasil. **Psicologia do Desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1980;

MONLEVADE, João A, SILVA, Maria Abadia da. **Quem manda na educação no Brasil?** Brasília: IDEA, 2000;

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade.** 4ª Edição revisada. São Paulo: Moraes, 1980;

MILHOLLAN, Frank. **Skinner x Rogers: maneiras contrastantes de encarar a educação.** São Paulo: Summus Editorial, 1972;

CUNHA, M.V. **Psicologia da Educação.** 3ª Edição Rio de Janeiro: DP & A, 2003;

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos.** São Paulo: Loyola, (?);

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórica-cultural da educação.** 15ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2003;

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: A teoria na prática.** Porto Alegre: Artmed, 2000;

TERRA, Ernani. **Curso Prático de Gramática.** São Paulo: Scipione, 1996;

SANTANA, Givaldo; PORTO, M^a Augusta; BATISTA, M^a Luiza; OLIVEIRA, Renilson. **Questões de Línguas Estrangeiras: Línguas Estrangeiras em Questão.** Aracaju: Ed. UFS, 2005;

LEVINE, Louis. **Biology for a Modern Society.** Estados Unidos: CV Mosery Company, 1977;

VYGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1988;

VYGOTSKY, Leontiev, Luria. **Psicologia e Pedagogia.** Lisboa: Estampa, 1977;

Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio Buarque de Holanda. São Paulo: Nova Fronteira, 1991;

Oxford Dictionary of American English. Oxford: Oxford, 2005.